



Comunicação de
Pesquisa

Estrabão

Vol. (4): 246-254

© Autores

DOI: 10.53455/re.v4i.216



Recebido em: 09/07/2023

Publicado em: 26/11/2023

Residência Pedagógica em Geografia: vivências e desafios durante o primeiro módulo

Pedagogical Residency in Geography: experiences and challenges during the first module

Cleisson de Moraes Alves^{1 A}, Glicia Lorena Souza Ferreira, Leticia Silva dos Santos, Sirius Oliveira Souza

Resumo

Contexto: Esta comunicação de pesquisa visa descrever as vivências e os desafios durante o desenvolvimento do primeiro módulo das atividades do Programa Residência Pedagógica (PRP), subprojeto Geografia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, realizado nas turmas de 2º ano A e 3º D do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, instituição de Ensino Médio localizada na sede do município de Senhor do Bonfim (BA). **Metodologia:** A construção metodológica deu-se a partir do método autobiográfico e do relato de experiência com base nas fichas do diário de bordo do residente. **Considerações:** Evidenciou-se que a regência, durante o primeiro módulo, sucedeu de forma marcante, cheia de alegrias e desafios, inseguranças e vitórias. Destaca-se, como resultado, o crescimento pessoal e profissional possibilitado pelo PRP ao fomentar diálogos entre residentes e os estudantes, respondendo as dúvidas e auxiliando no processo de ensino e aprendizagem, em constante processo de construção e desconstrução.

Palavra-Chave: Residência Pedagógica; Ensino de Geografia; Ensino médio

Abstract

Context: This research communication aims to describe the experiences and challenges during the development of the first module of activities in the Pedagogical Residency Program (PRP), a subproject of Geography at the Federal University of Vale do São Francisco. It was carried out in the 2nd year A and 3rd D classes at the Luís Eduardo Magalhães Model School, a high school institution located in the municipal headquarters of Senhor do Bonfim, Bahia. **Methodology:** The methodological approach was based on autobiographical methods and the reporting of experiences, using the resident's logbook entries as a foundation. **Considerations:** It became evident that teaching during the first module was marked by significant experiences, filled with joys and challenges, insecurities, and victories. The personal and professional growth made possible by the PRP is noteworthy, as it fosters dialogues between residents and students, addresses doubts, and assists in the ongoing process of teaching and learning, which is constantly being constructed and deconstructed.

Keywords: Pedagogical Residency; Geography Education; High School

¹ - Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco

A - Contato principal: cleisson.alves@discente.univasf.edu.br

Introdução

O Programa Residência Pedagógica (PRP), proposta integrante da Política Nacional de Formação de Professores, é um programa fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que tem como propósito promover projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura (Brasil, 2022). No Programa os licenciandos atuam nas escolas-campo, durante dezoito meses, como residentes com o suporte do coordenador do subprojeto, professor da Instituição de Ensino Superior, e do preceptor, docente da educação básica.

Freitas et al. (2021) argumentam que o PRP possibilita, através das 440h de práxis pedagógica, a vivência da futura profissão, o conhecimento do ambiente escolar e o desenvolvimento de habilidades extremamente necessárias para a formação de um professor reflexivo e atuante. Os autores ainda destacam o favorecimento da construção teórica e prática a partir do PRP, uma vez que este possibilita o diálogo entre o conhecimento científico e a universidade com a prática docente cotidiana nas escolas, além de fomentar o desenvolvimento do processo de transposição didática.

Adicionalmente, Moreira (2010) considera a Geografia central para refletir e evidenciar as contradições na construção do espaço geográfico, observando a relação sociedade-natureza. Contudo, vale destacar que essas finalidades ainda são desafios a serem alcançados, pois, conforme Cavalcanti (2012), a Geografia Escolar encontrou-se historicamente ligada a perspectivas tecnicistas e pouco questionadoras da realidade, sendo percebida como um eixo do conhecimento enfadonho para a maioria dos estudantes. Na atualidade, portanto, urge suscitar, durante o desenvolvimento de todo o projeto, uma Geografia Crítica, reflexiva e problematizadora, se contrapondo à Geografia Tradicional.

Somado a isso, Santos (2015) enfatiza a função básica da Geografia em alfabetizar os estudantes para o entendimento em relação ao meio onde estão inseridos. Para isso acontecer é necessário desvincular-se da memorização, tornando a observação da realidade, de forma crítica e reflexiva, basilar e inserindo as explicações fundamentais sobre a vivência cotidiana desde as séries iniciais, “auxiliando-os na formulação de conceitos próprios de grupo, espaço e tempo através de questionamentos como: Quem sou? Onde moro? Com quem vivo?” (Santos, 2015, pp. 21-22). Ademais, além da técnica, muito importante para o docente, é preciso a dimensão pedagógica para aperfeiçoar sua função social, através do PRP pode-se desenvolver essa dimensão. Nesse sentido, as atividades do PRP Subprojeto Geografia estão sendo desenvolvidas no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Senhor do Bonfim/BA. O primeiro módulo foi um momento de adaptação e de muitas experiências.

De acordo com Daltro e Faria (2019), o relato de experiência (RE) pode ser entendido como a descrição de algo que marcou um momento da vida de determinado indivíduo, ou seja, é produto de um acontecimento que passou pelo corpo de seu relator. Para o autor, a experiência é uma fonte inesgotável de sentido e possibilidades de análises, por meio dela, o relato evidencia a concatenação, a memória, as competências reflexivas e associativas, as crenças e posições do sujeito no mundo, sem ser um documento que registra verdades imutáveis, mas sim subjetividades, ideologias e significações histórico-sociais. Assim, “o RE construído pela presença de elementos teóricos, contextuais, históricos, políticos e críticos, esses atrelados à certeza de que a forma de contar diz sobre quem conta, marca identitária nesse processo de construção narrativa” (Daltro & Faria, 2019, p. 27).

Diante disso, este relato de experiência visa apresentar as vivências e desafios durante o desenvolvimento do primeiro módulo das atividades do Programa Residência Pedagógica, subprojeto Geografia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, realizado nas turmas de 2º ano A e 3º D do Ensino Médio do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, instituição de ensino localizada na sede do município de Senhor do Bonfim/BA. Este relato justifica-se, portanto, por sua importância em sintetizar uma análise crítica e reflexiva sobre a trajetória percorrida durante todo o primeiro módulo do programa, contribuindo para tomada de decisão, para direcionar as futuras atividades e para suscitar reflexões por parte de outros pesquisadores/professores.

Caracterização da Escola-campo

O Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães (Figura 1) foi o espaço onde foram desenvolvidas as

atividades do primeiro módulo do Programa Residência Pedagógica subprojeto Geografia. A instituição faz parte da rede estadual de educação da Bahia e está localizada no centro de Senhor do Bonfim-BA, município brasileiro integrante da mesorregião Centro Norte Baiano e do Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru.

Figura 1. Frente do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Senhor do Bonfim/BA.



Fonte: Dos autores (2022).

O Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Senhor do Bonfim foi criado conforme ato nº 8473 de 12 de março de 2003, porém só passou a funcionar em 05 de abril de 2004, atendendo exclusivamente a última etapa da Educação Básica – o Ensino Médio, nos turnos matutino e vespertino. Inicialmente o ano letivo iniciou com aulas em tempo integral, porém a prefeitura não disponibilizou transporte para os estudantes retornarem a suas casas e a escola precisou reduzir a carga horária diária. Apesar de estar situado na sede de Senhor do Bonfim, a maioria do corpo discente é da zona rural do município e de cidades circunvizinhas (Bahia, 2017).

De acordo com o seu Projeto Político Pedagógico (2017, p. 25), o colégio tem como missão: preparar o aluno para o exercício pleno da cidadania, qualificação para o trabalho como agente de transformação, tornando-o consciente e pleno de seu papel inovador na sociedade tecnológica e contemporânea que está inserido, valorizando a cultura de paz, cidadania, ética e respeito às pluralidades culturais. É uma missão bastante significativa, uma vez que não objetiva somente formar para o mercado de trabalho, todavia ainda é uma missão a ser problematizada e refletida sobretudo nesse momento de reformas neoliberais e empresariais direcionadas contra o Ensino Médio e contra um projeto de educação emancipatório, nesse sentido, a escola é *locus* para compreensão dos meandros seguidos pela educação pública brasileira.

Outrossim, conforme a Secretaria da escola-campo, a instituição possui cinco turmas para cada série do ensino médio, contudo, as atividades relatadas restringem-se as que foram realizadas nas turmas de 2º ano A de Geografia e 3º ano D de Práticas Integradoras, onde havia, respectivamente, 37 e 34 discentes em cada. A preceptora que auxiliou nesse processo era responsável pela disciplina de Geografia e Práticas Integradoras.

Procedimentos Metodológicos

Daltro e Faria (2019) destacam que o relato de experiência pode ser entendido como a descrição de algo que marcou um momento da vida de determinado indivíduo, ou seja, é produto de um acontecimento que passou pelo corpo de seu relator. Ele é muito importante, pois não se trata de somente narrar um acontecimento, mas sim, a partir da experiência, gerar novas noções teóricas, problematizações em relação ao território físico e social, aos sujeitos, às práticas, aos processos, além da dimensão temporal e relacional.

Frente a isso, este relato surge para descrever algumas experiências vivenciadas durante o primeiro módulo (período entre outubro de 2022 a abril de 2023) do Programa Residência Pedagógica subprojeto Geografia. As atividades (Figura 2) do subprojeto RP Geografia estão estruturadas da seguinte maneira:

Figura 2 . Organização das atividades do RP Subprojeto Geografia.

BLOCOS	ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O MÓDULO
FORMAÇÃO	<p data-bbox="703 315 1310 696">Monitoria no Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia - ENPEG; Participação Aula Inaugural do PIBID e do PRP da Univasf: caminhando para práticas pedagógicas transversais; Seminário Formativo (Figura 3) PRP Geografia (1. Discussão sobre as obras <i>Pedagogia do Oprimido</i> e <i>Medo Ousada</i> de Paulo Freire; 2. Roda de Conversa sobre construção de maquetes com materiais recicláveis; 3. Minicurso sobre o Ensino de Geografia no Semiárido); Participação remota como ouvinte da I Conferência Nacional: desafios da BNCC e do Novo Ensino Médio. Oficina de Maquetes com matérias recicláveis (Figura 4).</p> <p data-bbox="703 730 1283 790">Figura 3. Seminário Formativo sobre as obras de Paulo Freire (31/01/23).</p>  <p data-bbox="932 1218 1185 1240">Fonte: Dos autores (2022).</p> <p data-bbox="703 1247 1291 1308">Figura 4. Oficina de maquetes com materiais recicláveis (10/04/23).</p>  <p data-bbox="932 1713 1185 1736">Fonte: Dos autores (2023).</p>
PLANEJAMENTO	<p data-bbox="703 1800 1326 1953">Reuniões internas gerais em equipe; Reuniões com a professora preceptora; Formulários de Caracterização da escola-campo; Reuniões em dupla; Planejamento de aulas; Participação na Jornada Pedagógica; Leitura do Plano Político Pedagógico.</p>
REGÊNCIA	<p data-bbox="703 1975 1310 2033">Aulas nas turmas de 2º ano A de Geografia e 3º ano D de Práticas Integradoras.</p>

Todas estas atividades foram realizadas durante o primeiro módulo e registradas através do diário

de bordo, as tarefas de planejamento e de regência serão relatadas com apoio do diário de bordo. Lacerda (2021) entende o diário de bordo como um instrumento de registro do que o sujeito está vivenciando no ambiente e no tempo onde esteja inserido, “nele são registrados fatos ocorridos e sentimentos inerentes a alguns acontecimentos, como dificuldades, facilidades, dúvidas, surpresas, conquistas, entre outros” (Ferreira & Lacerda, 2017, p. 1).

Adicionalmente, ele representa uma ferramenta indispensável na formação inicial e continuada de professores, pois permite a reflexão, a autonomia e o desenvolvimento de novas ações. Ferreira e Lacerda (2017) escrevem que, historicamente, a expressão *diário de bordo* remonta ao período das grandes navegações, por ser um caderno que estava a bordo dos navios servindo à escrita dos capitães em relação a todos os acontecimentos que se passavam em alto mar. Lê-se, portanto, o diário de bordo como uma ferramenta estratégica desde a Antiguidade.

Além de permitir a reflexão sobre a prática didático-pedagógica, o diário de bordo favorece a tomada de consciência do docente sobre seu processo de evolução e também auxilia na tomada de decisão, uma vez que possibilita uma visão geral da trajetória percorrida. Os diários não devem ser uma ferramenta somente descritiva de fatos e situações, mas sim de sistematização de reflexões sobre as vivências de forma crítica, propositiva, destacando o contexto físico, social e emocional do momento. Dessa forma, eles figuram e “São a expressão do pensamento sobre uma situação concreta que, pelo seu significado, atribui a nossa atenção e merece a nossa reflexão. São descrições, devidamente contextualizadas, que revelam conhecimentos sobre algo que, normalmente, é complexo e sujeito a interpretação” (Alarcão, 2011, p. 56).

Ademais, o método autobiográfico foi central para construção do presente trabalho. Para Costa e Holanda (2021), o método autobiográfico transcende a compreensão de formação do ponto de vista técnico, possibilitando que os professores identifiquem em sua história de vida as circunstâncias relevantes e críticas, as fragilidades, os sujeitos colaboradores nesse percurso. Ou seja, a narrativa autobiográfica vê a formação como um processo global onde devem ser incluídas diferentes dimensões na vida do professor, possui sua singularidade e trata sobre as trajetórias de vida pessoais/profissionais dos sujeitos, entendendo que estes indivíduos representam mais que números ou amostragens, eles têm vida, sonhos, histórias, vivências e experiências.

Resultados e discussão

O primeiro momento relacionado à atividade docente marcante foi a Jornada Pedagógica da escola-campo, ocorrida na primeira semana de fevereiro de 2023, surpreendeu o conhecimento das novas disciplinas anunciadas no evento, pois não havia conhecimento como seriam concebidas e os objetivos delas, os professores também relataram o desconhecimento desses novos componentes. Uma das professoras relatou o desafio dos estudantes em compreenderem a importância e o sentido de estarem trabalhando essas temáticas, a coordenadora ressaltou a necessidade dos docentes explicarem o propósito dos novos componentes para os discentes e também para os pais.

Ademais, o primeiro dia de evento foi extremamente importante para conhecer um pouco a instituição e seu plano de ação para a primeira unidade do ano de 2023. Constatou-se também a necessidade de estudos aprofundados sobre o Novo Ensino Médio (NEM) e as legislações educacionais que permeiam a prática docente da instituição, pois as discussões nesse sentido ainda eram novas. Diante disso, dias depois, realizamos estudos acerca do Documento Curricular Referencial da Bahia e, principalmente, sobre a famigerada Reforma do Ensino Médio. Essas aproximações foram fundamentais visto que eram necessárias para desenvolver a regência.

Ressalta-se a importância do debate sobre a temática do NEM em nossas práticas, segundo Freitas (2023) a reforma como foi pensada, debatida e aprovada é totalmente desastrosa para a educação e formação de milhões de jovens, trata-se de uma política promulgada em 2017 como medida provisória, em um momento de instabilidade econômica, social e política do Brasil. Tal política, afetou sobremaneira os rumos da sociedade e do projeto de educação crítica. Assim, lê-se a não legitimidade em uma política que não ouviu todos os professores e estudantes, em uma reforma educacional pensada e alicerçada em objetivos de classes empresariais dominantes, uma reforma que desmonta a perspectiva de uma educação republicana e emancipadora como

defendia Paulo Freire.

Por outro lado, o primeiro dia de regência efetivamente ocorreu no dia 02 de março. A professora preceptora havia orientado previamente quanto aos horários e turmas que seriam trabalhados, contudo ao chegar na instituição, infelizmente, soube-se de uma nova mudança de horário que se perpetuou por diversas vezes durante o mês, afetando a distribuição de turmas e o planejamento das atividades. Adicionalmente, vale destacar que devido às poucas aulas de Geografia disponibilizadas para a preceptora, os residentes da escola foram distribuídos em duplas, diante disso, ficamos alocados na turma de Geografia de 2º ano A e 3º D com a disciplina de Práticas Integradoras, voltada ao Mundo do Trabalho.

Nesta semana, todavia, devido à troca de horários, a regência ocorreu na turma de 2º ano B (Figura 5), onde inicialmente houve uma apresentação dos residentes, estudantes e do Programa Residência Pedagógica. Em seguida, algumas normas de convivência foram estabelecidas (Respeito ao próximo e ao professor; assiduidade; parceria e *feedbacks*; não discriminação do local de origem) e, por fim, realizou-se a dinâmica *Se conhecendo*, na qual os estudantes formaram duplas em que deveriam dialogar sobre o nome de cada um, idade, onde mora, características, dentre outras informações.

Figura 5. Turma de 2º ano B conversando em dupla durante a dinâmica.



Fonte: Dos autores (2022).

Positivamente, essa dinâmica possibilitou a participação de todos os estudantes, tornou-se perceptível que alguns deles são mais tímidos e outros não estabeleciam tanto contato com os colegas. Além disso, ao falarem das características, evidenciou-se a diversidade cultural, religiosa, musical e também alguns alunos que cantam, escrevem, praticam esportes. Por outro lado, ao falarem do local de moradia sempre ocorria brincadeiras e comentários indesejados que reforçavam estereótipos e marginalizavam algumas localidades e bairros da cidade, o que foi combatido e problematizado durante nossos encontros.

Outrossim, nesta semana também fomos surpreendidos com a mudança na carga horária e do tempo de cada aula. Devido à falta de disponibilização de transporte à tarde pelo município, as aulas aconteceram das 7h às 12h, tendo o tempo de cada aula reduzido de 50 para 40 minutos. Essas mudanças impactaram negativamente, pois é mais difícil trabalhar um conteúdo nesse curto espaço de tempo e também pelo fato de termos ficado com as primeiras aulas nas quais os quinze minutos iniciais é preciso esperar os estudantes chegarem.

Durante as outras semanas adentramos nas turmas redistribuídas, sendo o 2ºA e 3ºD. As experiências na turma de 2º A foram extremamente significativas, apesar de no primeiro dia ter sido muito agitado. Neste dia, foi trabalhada a contextualização e a importância da Geografia, esta prática proporcionou perceber, através do olhar dos alunos, o desejo de aprender e desvendar o mundo e o local onde eles estão inseridos. Foram feitos questionamentos desde o princípio aos estudantes, ao indagá-los sobre o que a Geografia estudava, eles relacionavam muito aos aspectos físicos e abióticos do relevo, esse foi o momento de dizer que ela vai além desse estudo. Vale pontuar que o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições, isto é, “A finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do

espaço” (Cavalcanti, 1998, p. 24).

Durante a primeira semana de março, recebemos o plano de aula de Geografia, muitos assuntos já eram conhecidos ou foram abordados na universidade, porém outros eram novos. A partir deles tornou-se possível revisar e aprender diversas propostas teóricas, todavia havia o receio de não conseguir trabalhar todos os temas da primeira unidade, uma vez que a regência do PRP iniciou-se um mês após o começo do ano letivo da escola. Nos estudos para as aulas, novas metodologias para trabalhar alguns conceitos foram exploradas, por exemplo o site *IBGE Educa* que conta com várias atividades e propostas de ensino, auxiliando nas aulas de Organização do Estado Brasileiro.

Adicionalmente, o mês de março mostrou-se desafiador, pois a preceptora estava de licença por conta de um acidente e sua presença física na escola ficou comprometida, porém, frente a este entrave, reuniões de planejamento remotas foram realizadas. Nesse sentido, os encontros de planejamento com a preceptora e com os demais residentes, foram extremamente importantes para traçar coletivamente as ações, observando as possibilidades e limitações. A disciplina de Geografia não foi um entrave no desenvolvimento, porém a disciplina de Práticas Integradoras requisitou mais de nossa atenção e estudo teórico.

Resumidamente, a disciplina de Práticas Integradoras voltada para o Mundo do Trabalho é uma das novas disciplinas que permeiam todo o Ensino Médio, para mim está sendo desafiador trabalhar com ela, uma vez que os conteúdos são um pouco distantes do que estudamos na universidade. Buscou-se desde o princípio trabalhar com os conteúdos da ementa, porém sempre trazendo uma perspectiva crítica e problematizadora. Somado a isso, os discentes da turma de 3º ano D são mais agitados e inquietos, muitas vezes as conversas paralelas dificultaram as aulas. Apesar disso, a disciplina proporcionou conhecer mais sobre o mundo do trabalho, os desafios e as perspectivas defendidas por alguns autores como Karl Marx e Rodrigo Antunes, além de instigar a reflexão crítica sobre algumas temáticas.

Exemplificando, uma das atividades propostas na disciplina de práticas foi o relato de vida, os estudantes precisavam escrever livremente sobre si e seus desejos pessoais e profissionais, a emoção tomou conta durante a leitura de cada texto. Muitas vezes não eram factível perceber o que se passa com cada aluno, suas lutas diárias com a família, com os amigos e consigo mesmo, essa foi a atividade que mais marcou na disciplina. Shor e Freire (1986) já salientaram a importância de esperar, reconhecer os limites e desenvolver um projeto de educação em que os estudantes sejam ouvidos, sejam autores e construtores do saber, ao professor cabe intermediar o processo, fazer com que os educandos reflitam sobre o espaço a sua volta e, principalmente, sobre si mesmo.

Dessa maneira, a regência durante o primeiro módulo de Residência foi marcante, cheia de alegrias e desafios, inseguranças e vitórias. Destaca-se, como resultado, o crescimento pessoal e profissional possibilitado pelo PRP ao fomentar diálogos entre residentes e os estudantes, respondendo as dúvidas e auxiliando no processo de ensino e aprendizagem, em constante processo de construção e desconstrução. A residência possibilitou proporcionou o contato direto com a Reforma do Ensino Médio e perceber suas implicações para a Educação Geográfica. Vê-se a educação como uma importante ferramenta para descortinar as aparências dos fenômenos que acontecem diariamente, ademais, ainda há a necessidade de desenvolver mais aspectos, há limitações, dúvidas e inquietações para serem problematizadas e refletidas nos próximos módulos.

Considerações finais

O Programa Residência Pedagógica, portanto, foi central para o nosso desenvolvimento pessoal e também profissional, este relato sinaliza e cumpre com seu objetivo de descrever e problematizar o trabalho desenvolvido no primeiro módulo. Os desafios e aprendizados foram presentes e jamais serão esquecidos, as lembranças e os momentos vividos dificilmente serão esquecidos. Estar no PRP é experienciar diversas situações que só o chão da escola oportuniza, é construir e desconstruir concepções, comportamentos e ações.

Os desafios do Novo Ensino Médio estão postos e precisamos estar vigilantes, precisamos nos questionar contínua e cotidianamente acerca da educação que queremos para nossos estudantes. As reformas neoliberais e empresariais comandadas pelas elites do capital tentam aprofundar ainda mais seus objetivos enquanto classe dominante sobre a educação. Outrossim, é preciso descortinar todas as ideologias e agentes que pressionam e impulsionam essa reforma para frente: quem a pensou? quando? por quê? a quem atende? Essas são questões centrais para serem introdutoriamente debatidas.

Desse modo, políticas educacionais de formação docente como o Residência Pedagógica devem ser base para um curso de licenciatura que visa a construção de um profissional crítico, problematizador e atuante. Infelizmente nos últimos anos o programa foi atingido frontalmente pela redução do número de bolsas e pelo atraso do pagamento das que foram concebidas, urge que a recomposição e ampliação de bolsas, como ocorreu em 2023, seja constante ao longo dos editais. Também é necessário que o programa seja aprovado como política de Estado, possuindo um sistema de ajuste do valor das bolsas anual acima da inflação, seguindo o mesmo modelo defendido pela Associação Nacional de Pós-Graduandos.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Créditos

Cleisson de Moraes Alves - Conceitualização, Rascunho original e Metodologia

Glicia Lorena Souza Ferreira - Revisão e Edição

Leticia Silva dos Santos - Revisão e Edição

Sirius Oliveira Souza (Orientador) - Revisão e Edição

Referências

- Alarcão, I. (2011). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva* (8a ed.). Cortez.
- Bahia (Estado). (2017). Secretaria Estadual de Educação. Diretoria Regional da Educação - DIREC 28. *Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Modelo Luís Eduardo Magalhães*. Senhor do Bonfim.
- Brasil. (2022). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Edital 24/2022*. Brasília, DF: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Assunto: CHAMADA PÚBLICA PARA APRESENTAÇÃO DE PROJETOS INSTITUCIONAIS. https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/29042022_Edital_1692979_Edital_24_2022.pdf
- Cavalcanti, L. de S. (1998). *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Papirus.
- Cavalcanti, L. D. S. (2012). *O ensino de geografia na escola*. Papirus.
- Costa, M. do S. C., & Holanda, V. C. C. de. (2021). História de vida e Método Autobiográfico – uma nova perspectiva de formação – a autoformação. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, 3(2), e324380. <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.4380>
- Daltro, M. R., & Faria, A. A de. (2019). Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 19(1), 223-237. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29664>
- Ferreira, S. L. M. B., & Lacerda, F. K. D. de. (2017) A importância do diário de bordo na formação docente: Uma experiência no projeto PIBID de Nova Friburgo, RJ. In: *VIII Encontro Regional de Ensino de*

Biologia RJ/ES. <https://polofriburgo.files.wordpress.com/2018/02/artigo-viii-erebio-dic3a1rio-de-bordo.pdf>

Freitas, M. C. de., Freitas, B. M. de., & Almeida, D. M. (2021). Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente. *Ensino em Perspectiva*, 1(2), 1-12.

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4540>

Freitas, T. B. de. (2023). *Ensino médio personalité: presdigitações do capital na educação pública*. Consequência.

Lacerda, M. A. (2021). O diário de bordo na formação docente: um instrumento de reflexão diária, sobre a identidade do professor de História. *Revista Educação Pública*, 21(24).

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/24/o-diario-de-bordo-na-formacao-docente-um-instrumento-de-reflexao-diaria-sobre-a-identidade-do-professor-de-historia>

Moreira, R. (2010). *O que é Geografia* (2a ed.). Brasiliense.

Santos, C. O. D. (2015). PESQUISA E ENSINO EM GEOGRAFIA: Uma abordagem sobre a formação para a cidadania. In G. A. Trindade, (Org.), *Geografia, pesquisa e ensino: Abordagens teórico-práticas na interface entre saberes acadêmicos e saberes escolares* (1a ed., pp. 17-28). Editus. http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2017/geografia_pesquisa_ensino.pdf

Shor, I., & Freire, P. (1986). *Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor* (10a ed.). Paz e Terra.